



Ensino superior: acesso e permanência

Nadir Zago

- 
- **EXPANSÃO NO ENSINO SUPERIOR E SUAS CONTRADIÇÕES**

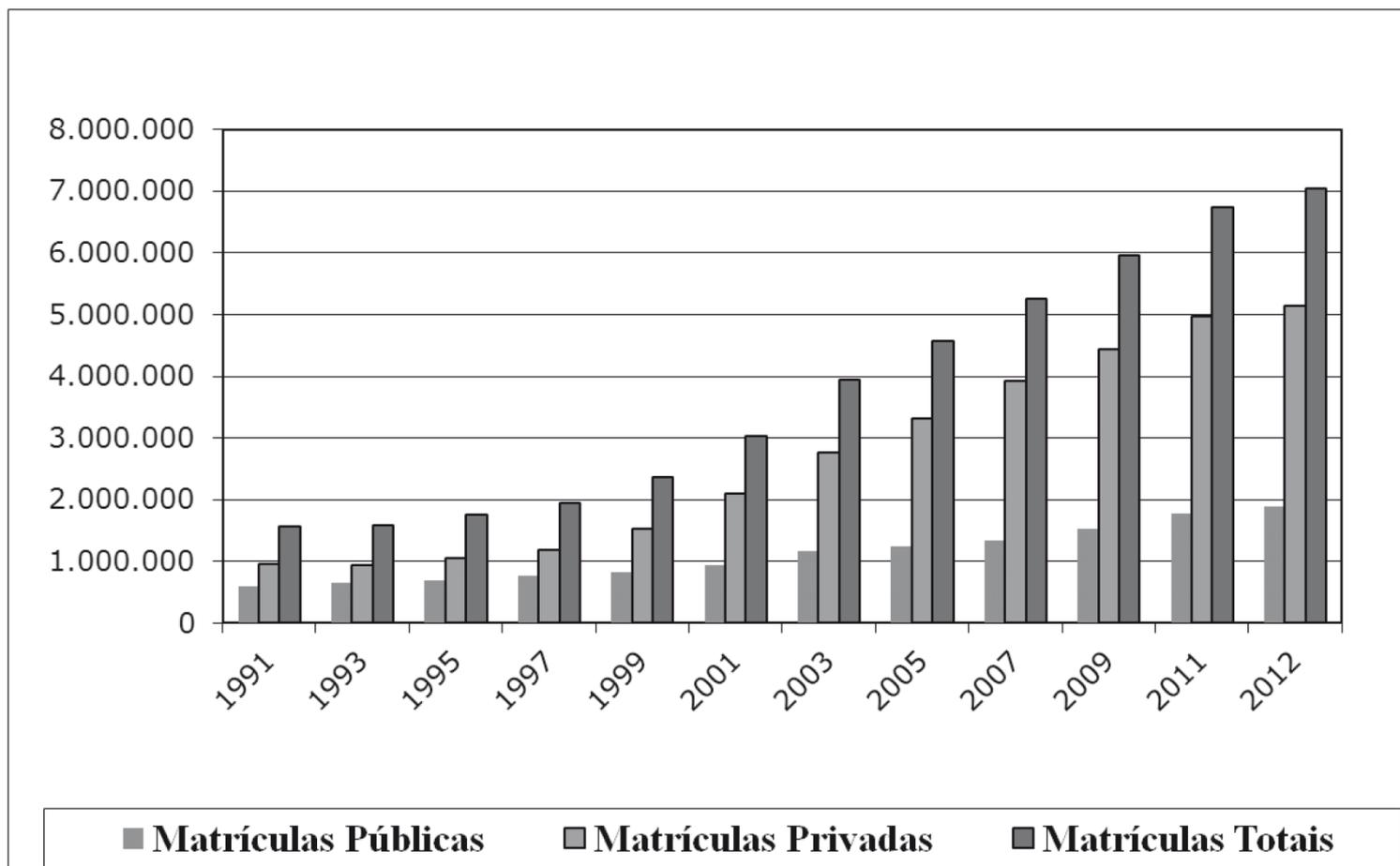
O que revelam as estatísticas educacionais do ensino superior

- Fonte consultada:
- RISTOFF, D. O Novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. Avaliação, Campinas: Sorocaba, SP, nov. 2014.

- Nas últimas duas décadas, observa Ristoff (2014) a educação superior brasileira foi marcada por forte expansão em vários aspectos;
- de instituições: de 893 em 1991 para 2.416 em 2012 (crescimento de 171%4)
- de cursos

- de vagas
- matrículas: 1990 eram 1.540 estudantes matriculados; 2.694 em 2000 e mais de 7 milhões em 2012 (um crescimento de 350%)
- o crescimento se dá em grande parte pelo setor privado, especialmente no período de 1999 a 2003, quando as matrículas cresceram 66%, quatro vezes mais do que nos quatro anos seguintes (p.725)

Evolução do Número de matrículas na Educação Superior - 1991-2012



- **No ensino superior a ampliação pelo acesso foi significativa mas persistem grandes desigualdades sociais**
- os 7 milhões de estudantes da graduação brasileira, representam 15,1% de taxa de escolarização líquida e 28,7% de taxa bruta

Perfil socioeconômico do estudante de graduação

- Análise : principal fonte de informação foi o questionário socioeconômico (QSE) do Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade) referente aos 3 primeiros ciclos completos do Enade
- Quatro dimensões foram consideradas:
- cor do estudante
- renda mensal da família
- origem escolar do estudante
- escolaridade dos pais.

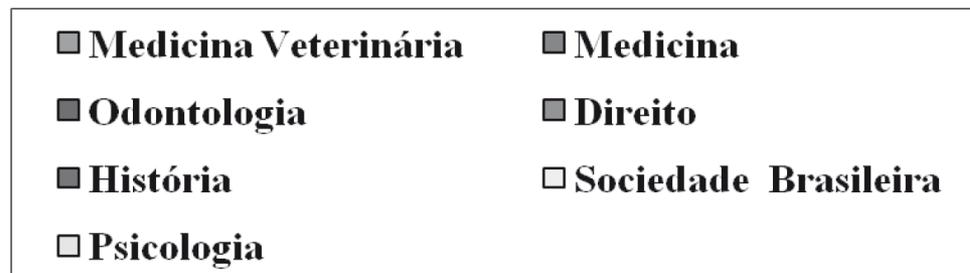
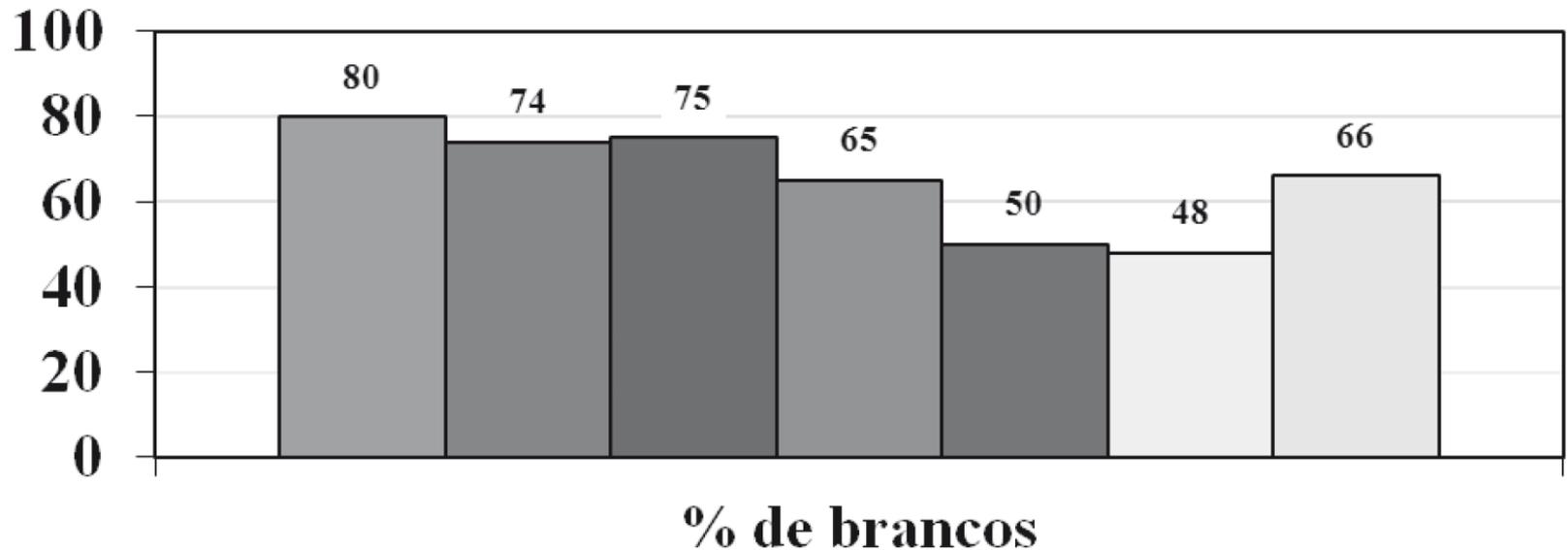
I- A Cor do estudante da graduação

- IBGE/2010: os brancos representam 48% da população brasileira, 51% são pretos e pardos
- Enade/ QSE: “o campus brasileiro é cerca de 20% mais branco que a sociedade brasileira

A Cor do estudante segundo os cursos da graduação

- Medicina Veterinária 80%
- Medicina (74%)
- Odonto (75%)
- Direito (65%)
- Psicologia (66%)
- História (50%) percentual próximo aos cursos de baixa relação candidato/vaga

Brancos (%) em cursos selecionados – 3º ciclo do Enade



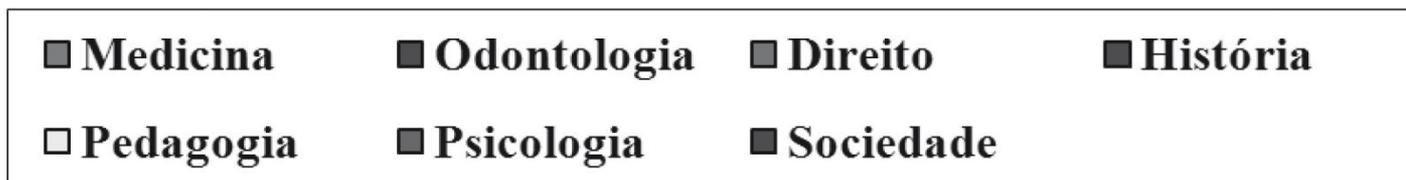
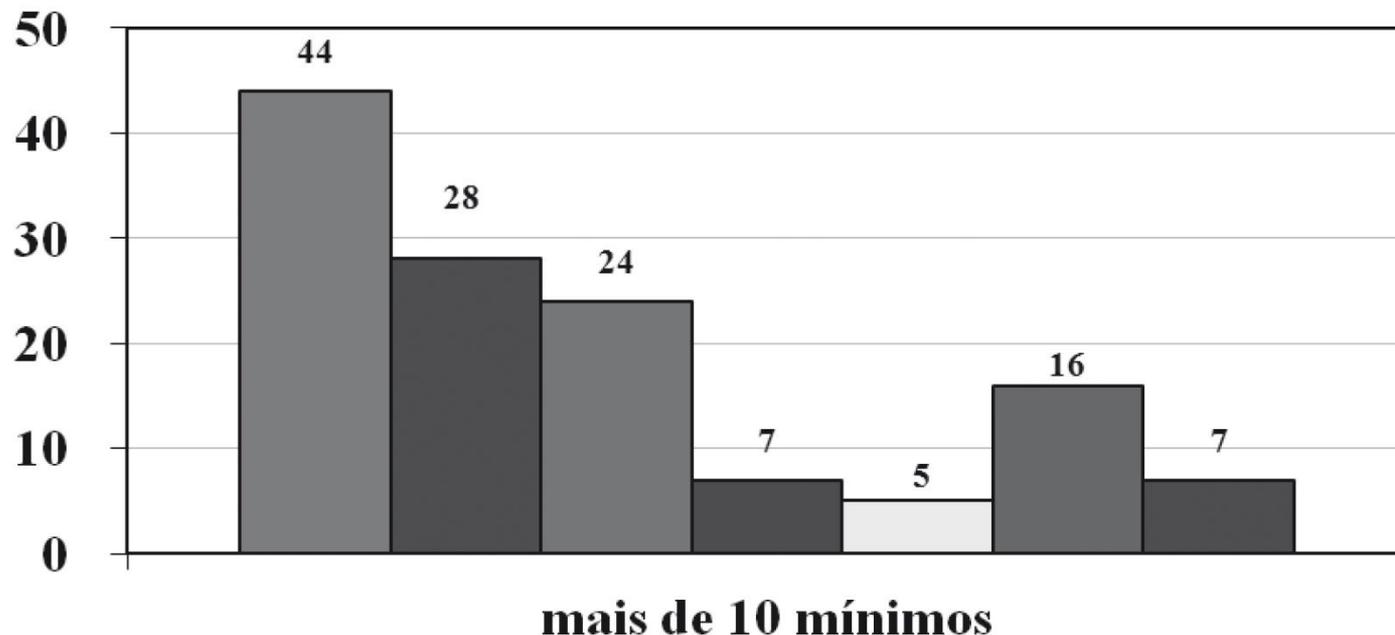
- comparados os 3 primeiros ciclos do Enade, observa-se a tendência de mudanças quanto à presença de brancos nos cursos de graduação
- Medicina – 1º ciclo 80%, 2º ciclo 76%, 3º ciclo 74%
- Em outros cursos essa observação é mais acentuada:
- Psicologia : 1º ciclo 80%, 2º ciclo 73%, 3º ciclo 66%

- Sociedade brasileira – 8% de pretos
- Em 16 cursos (licenciaturas e de baixa demanda) a representação percentual é igual ou superior à da sociedade (Arquivologia, C. Sociais, Ed Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Musica, Pedagogia, Serviço Social, Turismo)
- Pardos (43% dos brasileiros) - as maiores distorções na representação da cor no campus estão entre os pardos (cerca de 20% inferior à sua representação na sociedade)

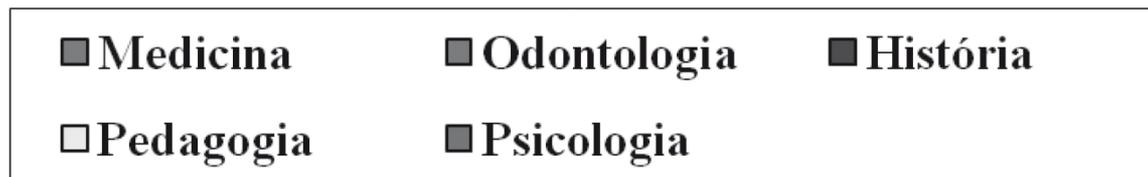
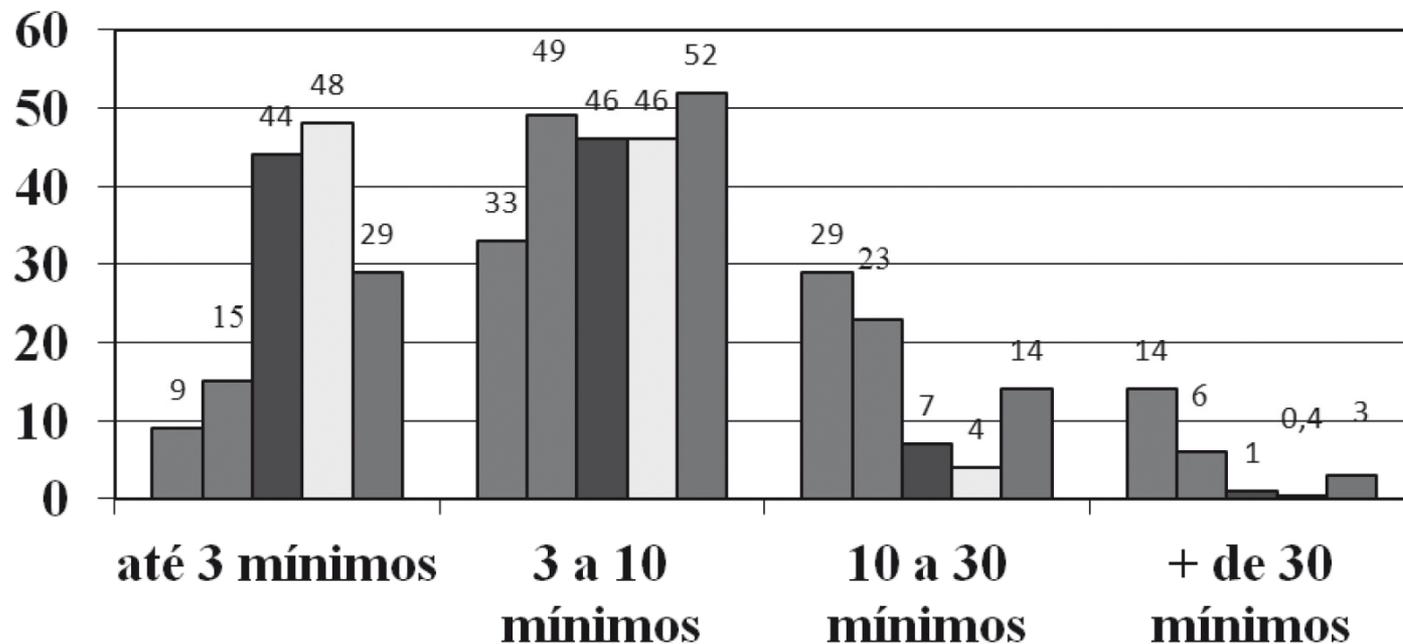
2- A renda familiar do estudante de graduação

- Apenas 7% das famílias brasileiras têm renda mensal superior a 10 SM.
- Medicina (44%) e odontologia tem a menor representação na faixa até 3 SM e expressiva representação nas faixas superiores de 10 a 30 e mais de 30 SM

Matriculados com renda familiar mensal de mais de 10 salários mínimos - (3º ciclo do Enade)



Renda familiar em cursos selecionados % por faixas de renda – 3º. Ciclo Enade



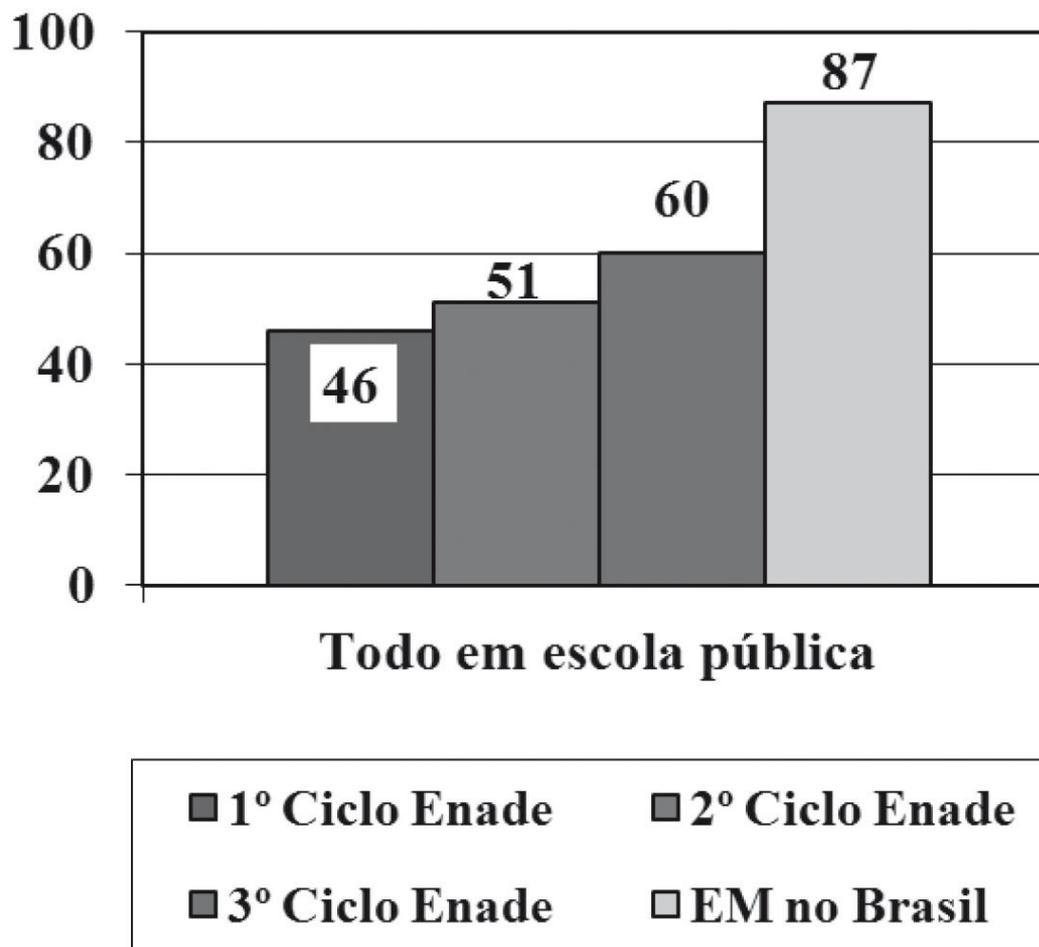
- renda – comparação dos ciclos do Enade : medicina 67%, 70% (2º ciclo - mais rico apesar das políticas), 44% (3º ciclo queda de 26 pontos - mudança de perfil socioeconômico) (gráfico 7, p.734)
- Em todos os cursos um número cada vez menor de estudantes ricos ingressa na educação superior – demonstrando os efeitos das políticas de inclusão.

3- A origem escolar do estudante de graduação

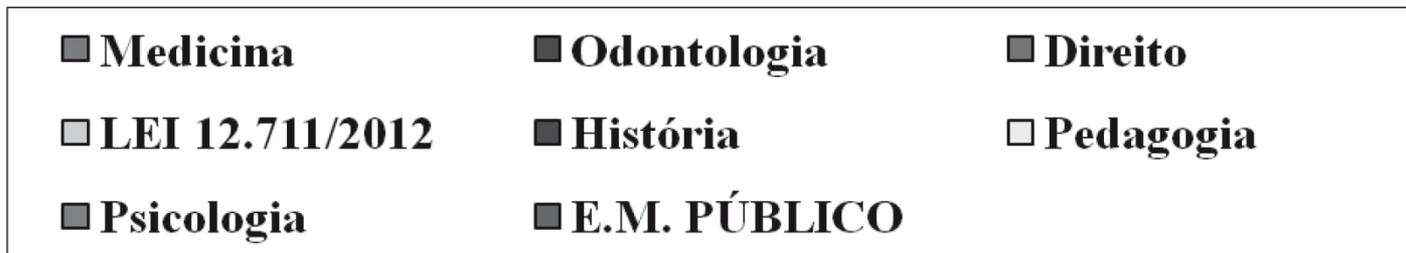
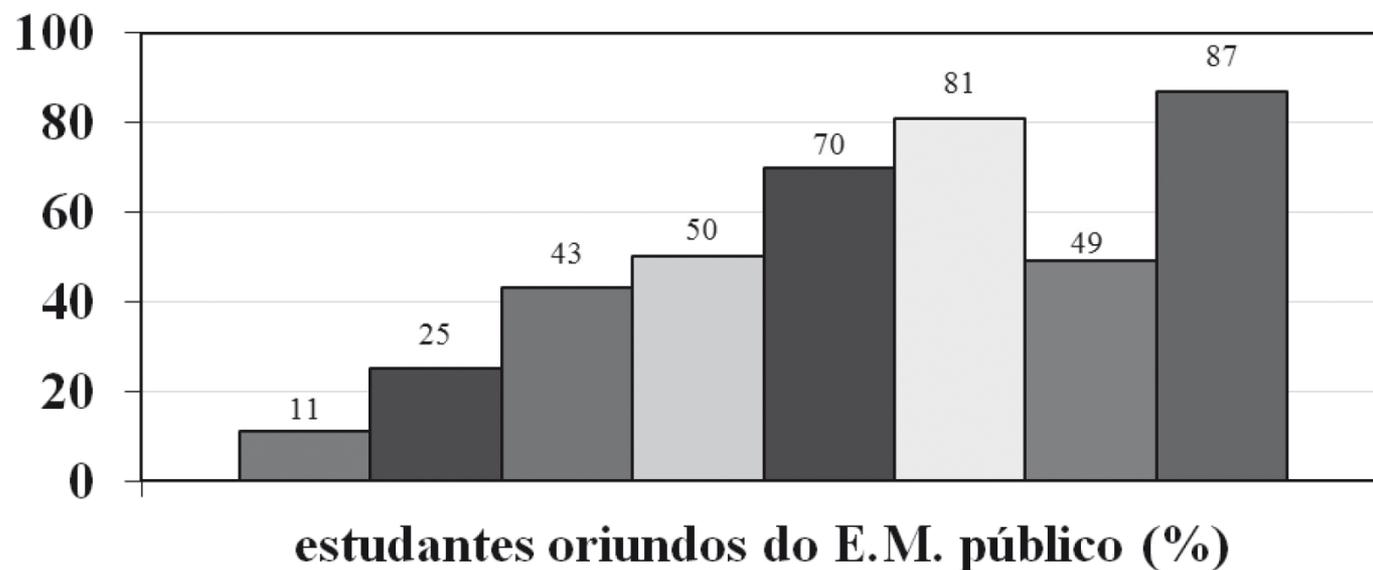
- os estudantes estão longe de refletir os 87% das matrículas públicas do ensino médio
- a cada ciclo do Enade, mais estudantes da escola pública chegam ao campus, tendo superado a média que a lei de cotas para as IES federais (lei 12.711/2012 – 50%), mas não nos cursos de alta demanda.

- a grande maioria dos cursos de alta demanda tem origem no EM privado (89% em medicina e 75% em odontologia) setor que representa 13% das matrículas do EM como um todo.
- na comparação dos 3 primeiros ciclos do Enade as políticas de inclusão começam a dar sinais de mudança.

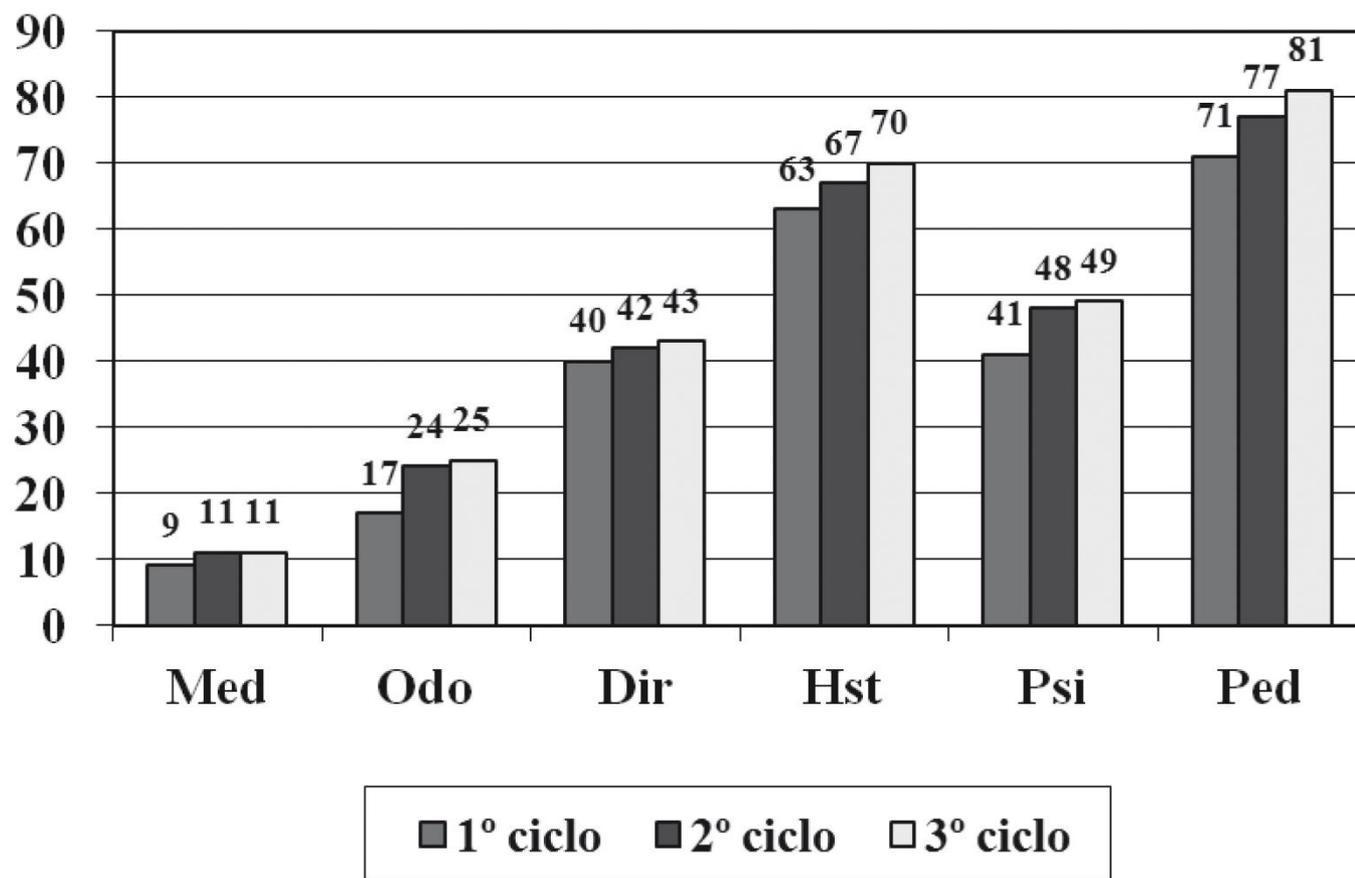
Onde o estudante de graduação cursou o ensino Médio (%)



Estudantes de graduação que cursaram o ensino Médio Público - 3º C. Enade (%)



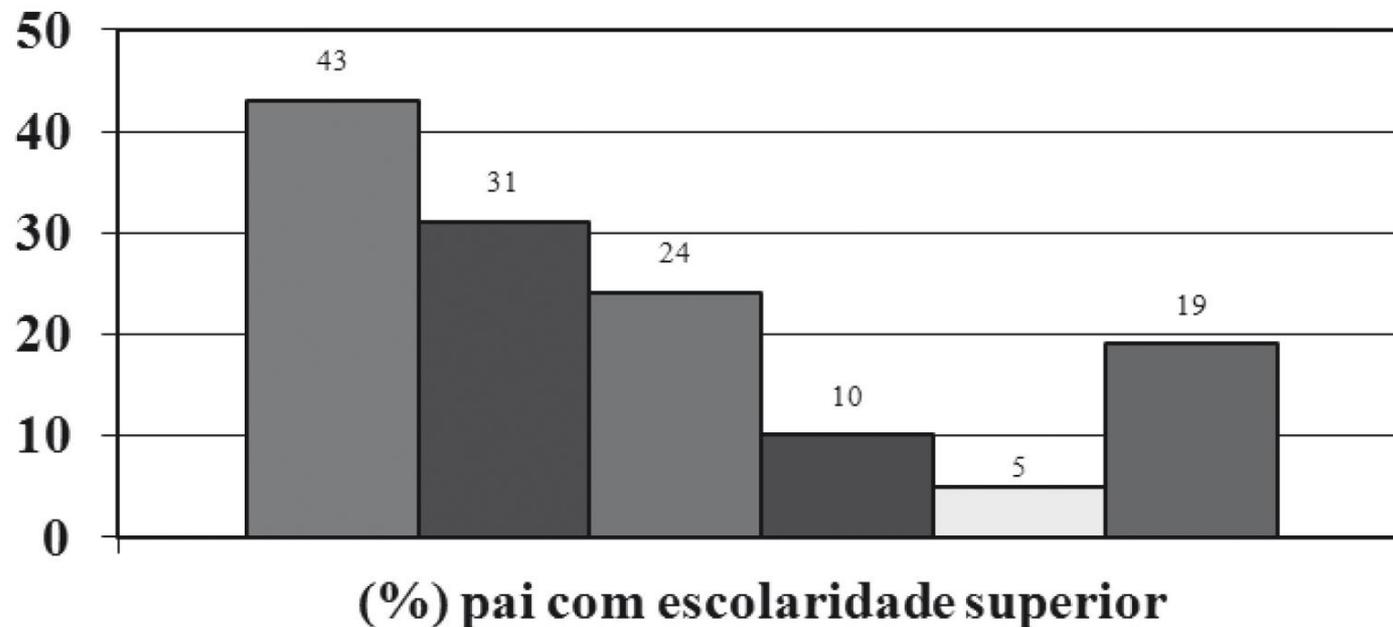
Estudantes de graduação que cursaram o ensino Médio Público, dados dos três ciclos do Enade (%)



4- A escolaridade dos pais e os cursos de graduação

- Síntese: há uma forte correlação entre renda familiar, origem escolar, cor, trabalho e escolaridade dos pais
- cursos mais brancos, estudantes mais ricos, que não trabalham e cursaram o ensino médio na rede privada são também aqueles com maioria de pai com escolaridade superior (gráfico 15 – p.740)
- as políticas de inclusão dos últimos anos estão trazendo ao campus estudantes que representam a 1ª geração da família com filho no ES

Percentual de estudantes filhos de pai com escolaridade superior 3°. *Ciclo do Enade*



■ Medicina	■ Odontologia	■ Direito
■ História	□ Pedagogia	■ Psicologia



***Universitários egressos do ensino
médio da rede pública: entre
limites e superações***

Acesso aos conteúdos escolares e as marcas das desigualdades

- Alguns entrevistados tinham uma apreciação muito crítica sobre suas chances objetivas de ingresso em universidades federais e vários deles recuaram da decisão pelo curso e instituição de preferência.
- Depoimentos

- Olha, o ensino médio e da quinta a oitava série da rede pública é bem complicado. Tu não sai preparado pra enfrenta um vestibular [...] porque tu vê muito, muito por cima. Tem professores que não são qualificados, aí tu sai sem noção das coisas. Aí quando você chega num vestibular tu vê a dificuldade que tu tem pra interpretar as coisas. Aí depois tu acaba sofrendo, né. Se tu tivesse uma preparação melhor, quem sabe teria menos barreiras. (estudante de farmácia – instituição comunitária)

- mesmo tendo passado no vestibular, tendo feito cursinho e estudado em casa, eu entrei com uma deficiência muito grande”. [...] Eu reprovei em três disciplinas, uma na primeira, outra na segunda e na terceira fase por falta de [conteúdo] mesmo. Às vezes de ter que estudar pra Biologia no livro do segundo grau pra entender pra depois ir estudar pra prova. [...]. Realmente faltou [conhecimento básico] pra entender. **É a mesma coisa que pegar um filme pela metade né, não tem como entender inteiro.** Isso sim foi problemático até a terceira fase, eu considero, mas foi sendo superado com o tempo. Hoje não considero mais um problema. (estudante de agronomia – UFSC)

- eu me sentia um ótimo aluno [...] aqui eu vi que tudo que a gente sabia não era nada [...] Quando o professor fala ‘vocês já vieram isso no 2º grau’, aquilo pra mim é como se fosse uma facada. As matérias são dadas como se todos tivessem feito o cursinho, como se todos tivessem o mesmo 2º grau. O ensino brasileiro é assim (...). Mesmo em cursos de baixa concorrência, muita gente fez cursinho pra poder entrar [...] Eu não acho mal isso, é dificultoso pra quem não teve isso. (estudante de matemática – UFSC)

limites da condição e esforço de superação:

- Como eu tinha mais facilidade pra aprender, me dava melhor nas provas [...] Em São Carlos, principalmente, eu achava que era fortíssimo. Hoje eu considero de baixo nível a escola de onde eu vim [...] Quando eu entrei na universidade foi uma decepção muito grande. Eu nunca tinha tirado uma nota abaixo da média em prova. A primeira prova que eu fiz eu tirei 5, foi decepcionante... aí eu comecei a melhorar. No final do semestre eu consegui somar os pontos e passei, da minha turma de 65 calouros, passaram 7 nessa disciplina. [...] Aluno com reprovação no nosso curso já é marcado ... não consegue bolsa do CNPq, eu já tinha 23 anos, não consegui entrar no PET [...] eu pleiteei a bolsa do CNPq, mas não consegui” (estudante de Agronomia, 23 anos)

As exigências do curso e a realidade do aluno

- “Os professores dizem que apenas português e inglês não basta para a engenharia, mas eu conheço pouquíssimas palavras em inglês”. Além do inglês, sentia dificuldades em álgebra e outras matérias:
- “Tudo que dependeu do meu segundo grau pra entrar na universidade, eu tava bem atrás. Eu e alguns assim. A maioria teve oportunidade de estudar em escola particular, eles tinham embasamento, por exemplo, nunca fiquei sabendo que existia olimpíadas de matemática, eu não tinha conhecimento disso. Na minha escola não tinha informações sobre os vestibulares do país, eles tinham todas as informações. (estudante de engenharia de produção e elétrica)

- “Da minha turma do primeiro semestre, somente eu estou com possibilidade de me formar no período certo [...] Não vou dizer que sou aluno nota dez, eu sou muito esforçado, me dedico muito pra poder acompanhar (...) porque aquela base eu não vou conseguir recuperar, de ter noção de desenvolvimento de álgebra [...] Lá dentro [na universidade] tem que se virar, trabalhar sozinho, não depender de ninguém. Já tem que vir preparado pra enfrentar as dificuldades, mas é difícil. É mais complicado do que eu imaginava. (estudante de Engenharia Elétrica, 23 anos)

- Os relatos dos universitários sobre suas experiências concretas de escolarização testemunham os obstáculos materiais e morais que pesam sobre o percurso escolar e que ficam ocultados nas informações unicamente quantitativas das estatísticas educacionais.
- “é importante assumir esse tipo de exclusão que não se mostra nas estatísticas mais simples: a exclusão por dentro do sistema, cujas faces são a oferta de ensino de baixa qualidade e a autoexclusão”.(Dias Sobrinho (2010, p.1230)

- 
- Os problemas que envolvem a seletividade no acesso ao ensino superior e as desigualdades de permanência não são problemas propriamente do mundo universitário, mas de processos excludentes produzidos por uma sociedade historicamente hierárquica e profundamente desigual.